



RELATÓRIO ECONÔMICO

...
.Sincomavi

**Sindicato do Comércio Varejista de Material de Construção,
Maquinismos, Ferragens, Tintas, Louças e Vidros da Grande São Paulo**

 www.sincomavi.org.br

 sincomavi@sincomavi.org.br

 Telefone (11) 3488-8200

Setembro 2024

> **Palavra do Presidente**

> **Carta de Conjuntura**

> **Pesquisa Mensal do Comércio**

> **Mercado imobiliário**

> **Indicadores da Construção Civil**

> **Mercado de Trabalho**

> **Indicadores Setoriais**



PALAVRA DO PRESIDENTE

Os gastos do governo continuam sendo a principal preocupação em relação à economia do Brasil. Somente em agosto o rombo fiscal foi de R\$22,4 bilhões, lembrando que em julho havia sido batido o recorde histórico do acumulado de 12 meses, com a conta fechando no negativo em R\$1,128 trilhão. Soma-se a isso a notícia dos prejuízos recorrentes das estatais - um valor estimado para 2024 de R\$7,2 bilhões, e a tendência de aumento da inflação - o mercado financeiro já aponta para 4,5% este ano.

Atualmente, muitas pessoas demonstram otimismo em razão do aumento acima do previsto do Produto Interno Bruto (PIB) e pela melhoria nas vendas de alguns setores do comércio e serviço. No entanto, o cenário que surge no horizonte se mostra muito assustador. Isso porque não existe o mínimo movimento do executivo federal em cortar despesas ou implementar uma reforma administrativa - [política defendida pela FecomercioSP e Sincomavi](#). O que se vê são promessas vãs em discursos que não possuem nenhum tipo de fundamento. São apenas palavras jogadas ao vento para acalmar ânimos e calar opositores.

Não existe outro caminho para a melhoria das bases econômicas do país que não passe pela reforma do estado brasileiro, com a consequente modernização, racionalização e redução de sua estrutura. Da maneira como a economia brasileira está sendo gerida, a conta irá parar mais uma vez nas costas do setor produtivo, que não consegue responder por mais nada.

Reinaldo Pedro Correa
Presidente do Sincomavi

CARTA DE CONJUNTURA - SETEMBRO 2024



E não deu outra, o Banco Central aumentou no último dia 18 a taxa básica de juros da economia em 0,25 ponto percentual, elevando nossa Selic para 10,75% ao ano. O mercado até apostava em sua maioria neste cenário, a despeito de alguns poucos que não acreditavam nessa retomada de uma política monetária mais restritiva, até considerando um cenário de queda nos juros americanos e que no país impera-se um juro real (diferença entre a Selic e a Inflação oficial) de cerca de 6 pontos percentuais, o que é significativo. Mas vamos aos motivos e aos prognósticos desta decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM).

Em suma, a decisão do Banco Central é calcada em duas variáveis. A economia brasileira possui um forte aquecimento da demanda interna, puxada pelo resiliente mercado de trabalho e expansão do crédito, que pressiona o nível geral de preços (inflação). Ao mesmo tempo, a pouca credibilidade, ou as escassas ações dos governos quanto aos equilíbrios de seus gastos, gera atenção quanto ao tamanho das pressões inflacionárias que este impulso fiscal também pode criar, para além da que já existe. Portanto, o receio em relação aos impactos na inflação devido a uma demanda aquecida e a atual política fiscal expansionista são os principais motivadores do aumento de juros no país.

Não se pode deixar de lado a análise dos impactos negativos desse avanço do juro básico em nossa rotina. Ele tende sim a enfraquecer a demanda via um crédito mais caro e traz freios ao próprio crescimento econômico nacional, principalmente a partir de 2025. E esse é o objetivo do Banco Central. Dado principalmente que a política fiscal tem caminhado em lado oposto, mais que impulsionando a economia e resultando em um desequilíbrio entre demanda e oferta. O resultado dessa receita é pressão nos preços.

O Banco Central, exercendo o seu papel de zelador pela estabilidade econômica, está adiantando o avanço deste problema (preços) no Brasil, ainda que seja de forma amarga a consumidores e empresários, pois sentiremos no bolso as operações de crédito ainda mais caras.

Vivemos em um país onde as políticas monetárias (juros) e fiscal (gastos públicos) não caminham no mesmo sentido. Quem paga por isso é a população, novamente consumidores e empresários. É compreensível a crítica ao aumento de juros, porém o Banco Central está cumprindo com o seu conhecido e esperado papel, que é ser conservador e atuar em prol da estabilidade de preços no país. Sabendo desse viés conservador, trilhamos não um caminho de consonância das políticas fiscal e monetária, até para menores impactos negativos à economia real. Infelizmente é um “cabo de guerra” entre quem pensa no longo prazo (Banco Central) e quem busca manter no curto prazo um crescimento econômico acima das expectativas (Governo)

E quando se fala em curto prazo, é porque infelizmente se sabe que um modelo de crescimento baseado em sobreaquecimento da demanda, e via gastos públicos, esbarra em nada além de inflação e desequilíbrio fiscal (ou mais desequilíbrio). A tendência sendo de novos avanços dos juros, nos traz desafios complexos aos planejamentos operacionais, seja do orçamento familiar, seja das decisões empresariais. Com juros mais altos e por mais tempo, sentiremos algum enfraquecimento na demanda, bem como de forma conjunta o encarecimento do crédito, se a ele recorrermos. Em um momento de quase transição de ano, é hora de sentar e rever os planos.

Seguem abaixo as nossas projeções aos principais indicadores macroeconômicos ainda para 2024:

- PIB: 2,8%
- IPCA: 4,40%
- SELIC: 11,25% a.a.
- Taxa de Câmbio: 5,45
- Balança comercial: + US\$ 80 bi
- Taxa de desemprego ao fim do ano (PNAD): 6,8%
- Volume de vendas do comércio ampliado BR (12 meses): +3,7%
- Volume de serviços BR (12 meses): +2,4%

CONFIRA A CARTA DE CONJUNTURA

OUTUBRO 2024

[CLIQUE AQUI](#)

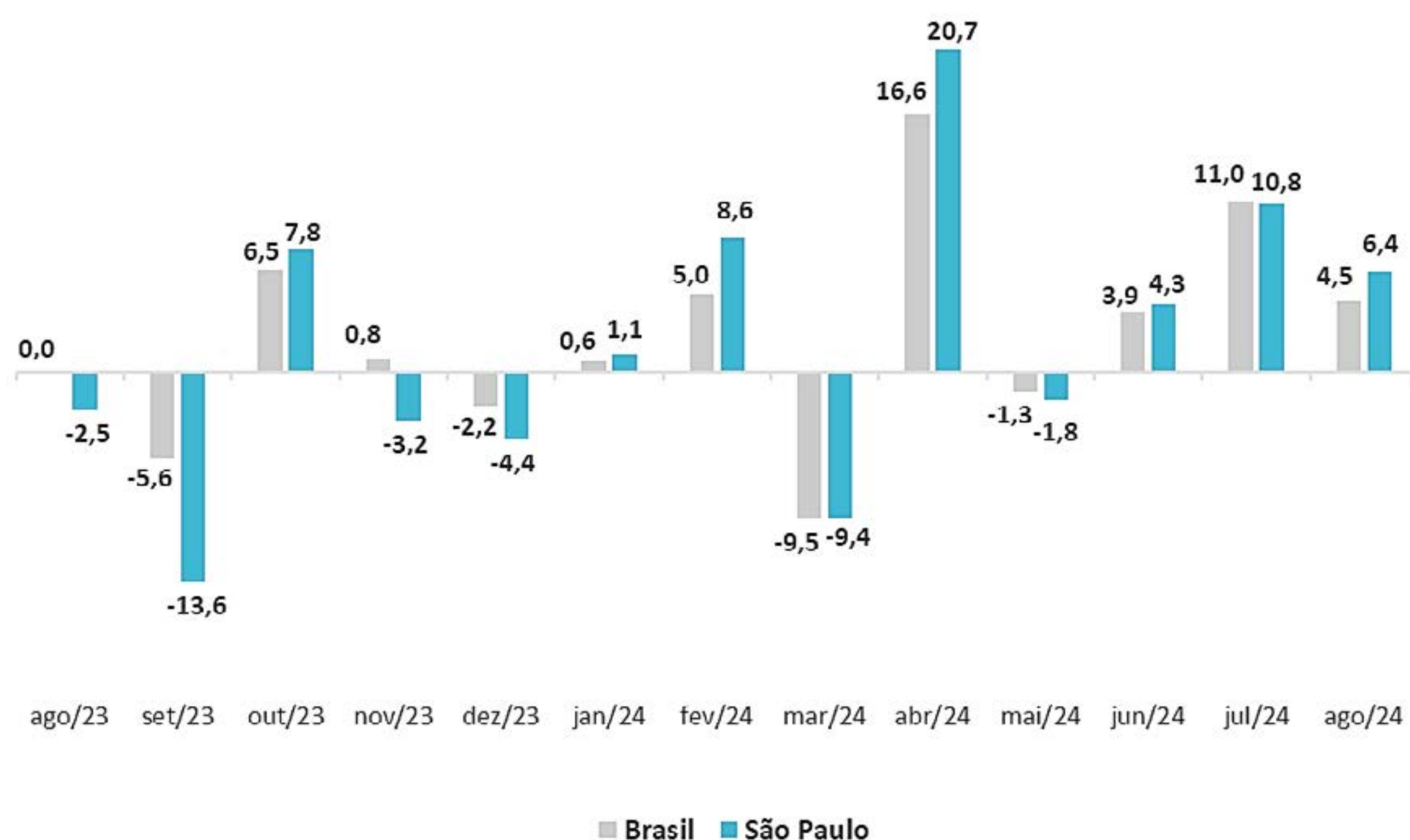


PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

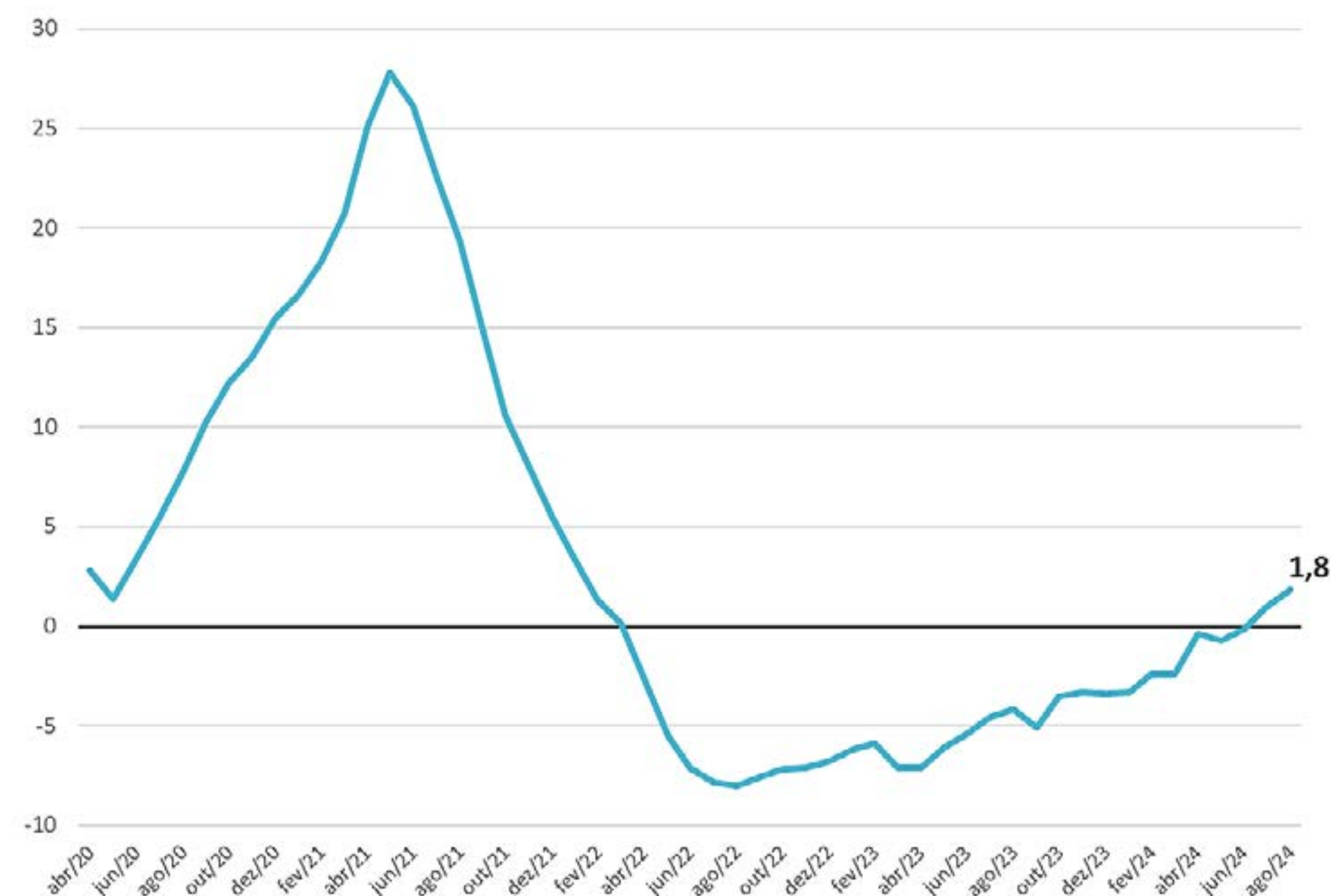
O volume de vendas do comércio de material de construção no Estado de São Paulo, em agosto, avançou 6,4% em relação ao mesmo mês do ano passado, marcando a terceira evolução mensal consecutiva deste indicador. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PMC/IBGE). No âmbito nacional, o setor contou com um crescimento menor, mas ainda significativo de 4,5% para as mesmas bases de comparação.

No acumulado de janeiro a agosto as vendas de material de construção no Estado de São Paulo registram um avanço de 4,6%, enquanto em território nacional houve um crescimento de 3,5%, ambos contra o mesmo período de 2023. Já no acumulado em doze meses o cenário se inverte. No país há uma evolução positiva de 2,3% e na economia paulista de 1,8%.

Evolução mensal do índice de volume de vendas do comércio de material de construção – Mês contra mesmo mês do ano anterior



Evolução do índice de volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo – Taxa acumulada de 12 meses



Fonte: PMC/IBGE

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

Os números apresentados na análise realizada pelo Departamento de Economia do Sincomavi em julho já revelavam a tendência de continuidade do cenário positivo para agosto, o que ocorreu. “Em resumo, os dados do trimestre junho a agosto trouxeram consigo uma inversão da série histórica de doze meses do indicador de vendas de material de construção no Estado de São Paulo, que se manteve negativa por quase 30 meses”, destaca o economista Jaime Vasconcellos.

Em sua opinião, o processo de estabilização do setor ficou para trás e 2024 não apenas trouxe tal resultado, como parece ter consolidado um novo período, agora no campo positivo das vendas. “É algo a se comemorar, ainda que seja importante dizer que não teremos evoluções aos moldes das vistas em 2020 e 2021, quando o setor foi impulsionado pelos efeitos específicos das mudanças de comportamento da demanda, com o advento da pandemia”, ressalta. E alerta: “ademais, temos de estar de olho em como se darão as curvas futuras de juros e preços, que normalmente freiam estes cenários mais positivos de consumo e de desempenho do varejo”. Apesar desses possíveis obstáculos, no curto prazo as notícias são positivas, sinais de uma demanda resiliente, que se reflete em vendas e também impacta o próprio mercado de trabalho do setor.

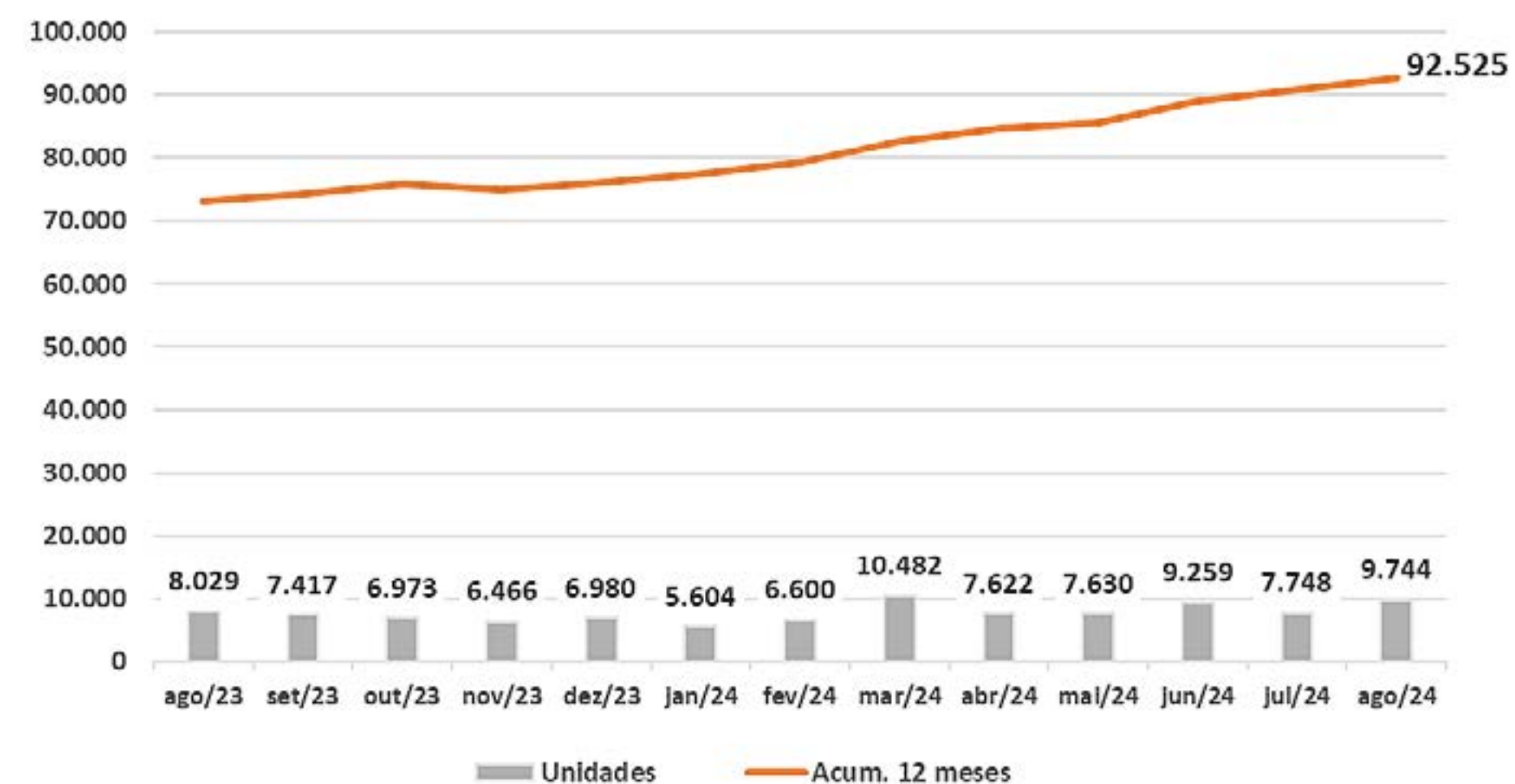
OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.



MERCADO IMOBILIÁRIO

9.744 unidades residenciais novas foram comercializadas na capital paulista em agosto, segundo o Secovi, o sindicato que representa as empresas do setor imobiliário no município. Este resultado é o maior desde março passado, quando mais de 10 mil unidades foram vendidas. Em relação a julho houve um crescimento de 25,7% e a agosto de 2023, 21,3%. Em doze meses, de setembro do ano passado ao fim de agosto de 2024, são 92.525 imóveis negociados, o maior patamar do ano e cerca de 2% de crescimento em comparação a julho

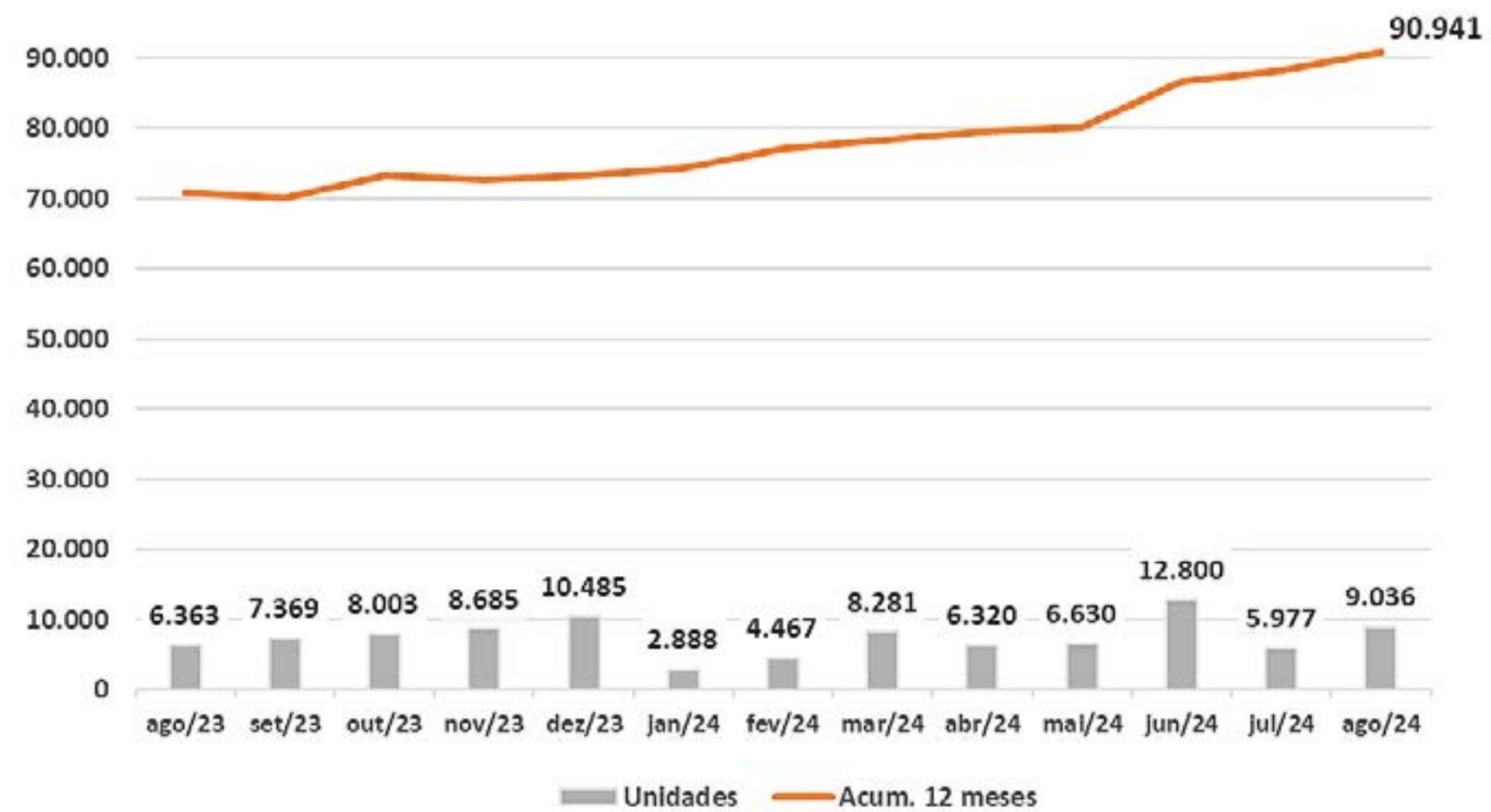
Evolução das vendas mensais e acumuladas em 12 meses de unidades residenciais novas em São Paulo (SP)



Fonte: SECOVI-SP

Os lançamentos de novos imóveis residenciais também contaram com elevação no período. “Foram 9.036, um significativo crescimento de 51,2% em relação ao mês anterior e de 42%, tendo como referência agosto de 2023”, ressalta o economista Jaime Vasconcellos. “Esses bons números auxiliaram com que em 12 meses quase 91 mil imóveis tenham sido lançados na economia paulistana. Com esse resultado, o indicador conseguiu pela primeira vez superar o patamar de 90 mil lançamentos em um estrato temporal acumulado de 12 meses”.

Evolução dos lançamentos mensais e acumulados em 12 meses de unidades residenciais em São Paulo (SP)



Fonte: SECOVI-SP

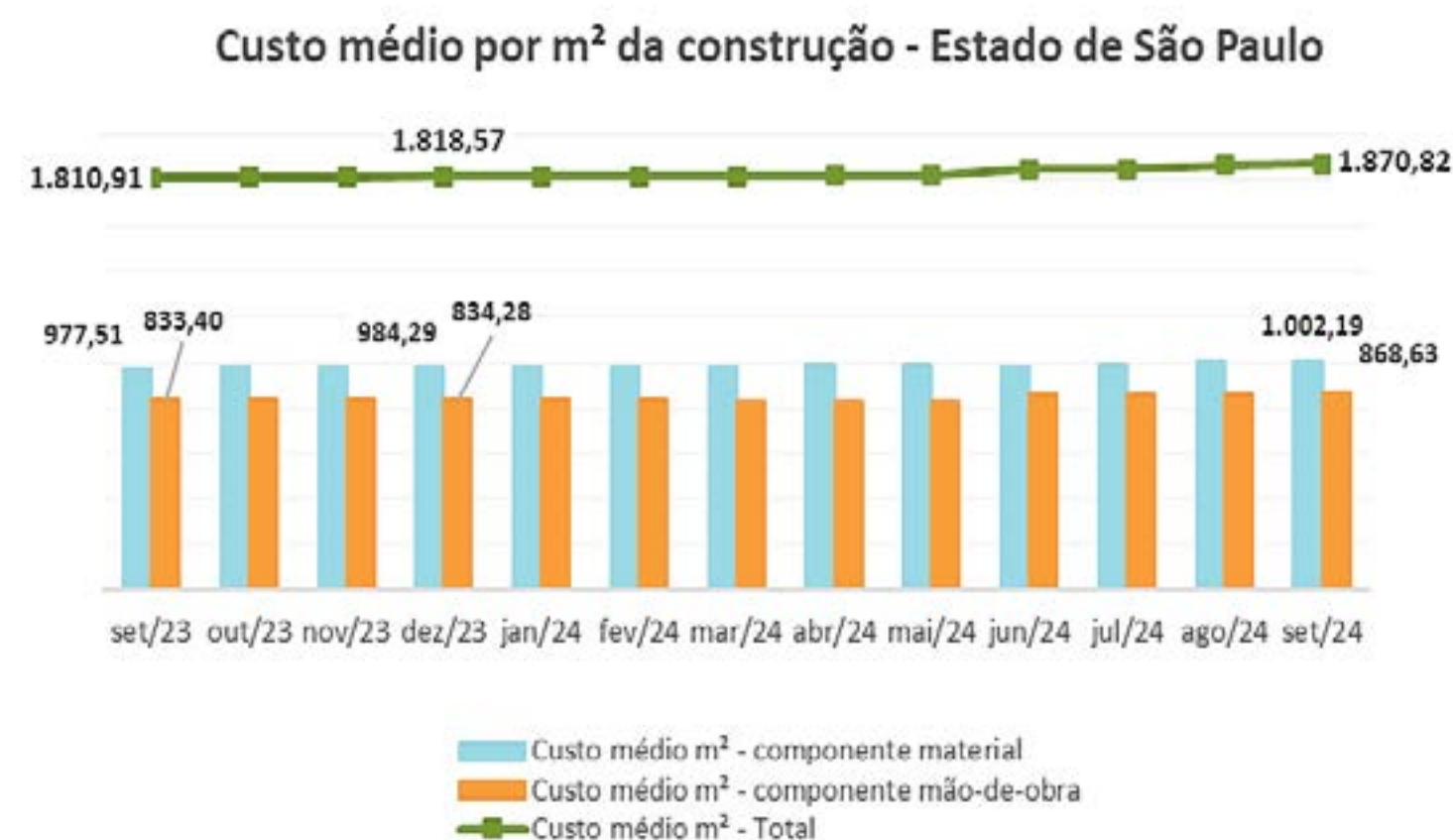
Ele lembra ainda que, a despeito de certa preocupação com o avanço dos juros no país, o que impacta diretamente o custo dos financiamentos imobiliários no curto prazo, o setor tem conseguido manter o ritmo de crescimento em vendas e lançamentos de imóveis. “Isso mostra que não há somente uma resiliência relevante da atual demanda, como também perspectivas positivas para o médio e longo prazo, dado o ótimo ritmo dos lançamentos”, finaliza.



INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

O valor médio da construção civil no estado de São Paulo atingiu em setembro os R\$1.870,82 por m² de obra, conforme dados do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O valor foi 0,16% superior ao registrado em agosto, o que representa uma diferença de R\$2,97, impulsionada pelos gastos com mão de obra, que avançou R\$5,63. Por sua vez, os gastos com material de construção contaram com uma deflação de R\$2,66 para cada metro quadrado de projeto.



Fonte: SINAPI/IBGE

“É importante citar que dos quase R\$60,00 de acréscimo no metro quadrado da construção nos últimos 12 meses em território paulista, R\$52,25 proveio das variações em 2024, mostrando que este recrudescimento inflacionário, ainda que esteja em consonância aos patamares gerais dos índices inflacionários em geral, é resultado de uma demanda resiliente e que vem se recuperando após os números ruins alcançados desde o fim de 2021”, explica o economista Jaime Vasconcellos. Ele lembra ainda que a maior variação especificamente do custo com a mão de obra tem se dado pelo próprio cenário mais comportado dos preços em geral. “Tal fenômeno garantiu com o que o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) se mantenha razoavelmente comportado, levando ultimamente com que as negociações salariais resultem na aplicação de algum ganho real aos reajustes, o que realimenta o próprio processo inflacionário, em alguma monta, conforme o visto”, finaliza.

INCC-M/FGV IBRE

A trajetória de alta nos custos da construção prosseguiu em setembro, conforme dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV IBRE). No período, o Índice Nacional de Custo da Construção – M (INCC-M) contou com uma variação positiva de 0,61%. Apesar da alta, o resultado ficou abaixo do verificado no mês anterior: 0,64%. No acumulado dos últimos 12 meses, o indicador atingiu 5,23%. Para elucidar ainda mais o quadro apresentado, em setembro de 2023, a partir dos mesmos critérios, o índice acumulava 3,21%.

Enquanto o componente Materiais, Equipamentos e Serviços reduziu sua influência na composição da taxa, de 0,69% em agosto para 0,59% em setembro; a Mão de Obra passou de 0,57% em agosto para 0,64% em setembro. Dentro da categoria Materiais e Equipamentos ocorreram as seguintes variações: Materiais para Estrutura, 0,79%; Materiais para Instalação, 0,49%; Materiais para Acabamento, 0,24%.

Maiores variações de preço

Vergalhões e Arames de Aço ao Carbono	1,61%
Blocos de Concreto	0,72%
Massa de Concreto	0,67%
Condutores Elétricos	-1,14%
Impermeabilizantes	-0,46%
Portas e Janelas de Madeira	-0,28%
Argamassa	-0,26%
Tela de Proteção para Fachada	-0,25%

CUB/SINDUSCON-SP

O Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo (SindusCon-SP) divulgou a variação de setembro do Custo Unitário Básico (CUB) global da indústria da construção do Estado de São Paulo: aumento de 0,33%. No acumulado do ano, o indicador chegou aos 3,40% e, em doze meses, a 3,47%. O estudo é realizado em parceria com a Fundação Getulio Vargas (FGV).

A mão de obra contou com uma elevação no período analisado de 0,10%, enquanto a contribuição dos custos com material de construção se mostrou superior, 0,66% – a tendência de alta nessa categoria já foi verificada em outros levantamentos.

As maiores variações mensais ficaram por conta dos seguintes itens:

Fio cobre antichama isol. 750 V 2,5 mm ²	2,50%
Tinta látex branca PVA	2,40%
Registro de pressão cromado Ø=1,27cm	2,19%
Bloco de concreto 19x19x39cm	1,97%
Esquadrias de correr 4 folhas al. 2,0x1,4m	1,65%
Fechadura, tráfego moderado acab. cromo	1,28%

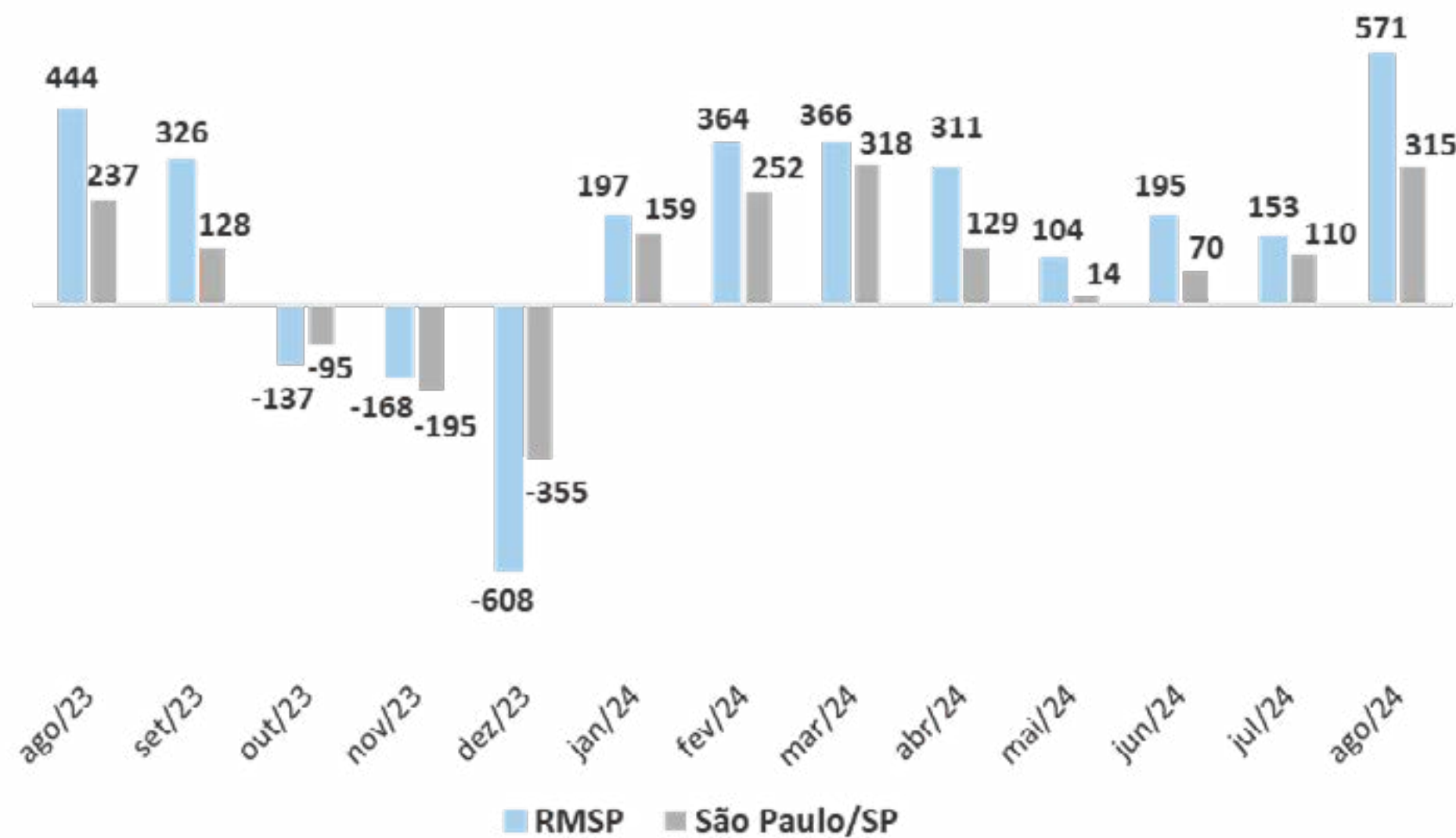
Fonte: SindusCon-SP



MERCADO DE TRABALHO

Dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) mostram que, em agosto, o mercado de trabalho do comércio varejista de material de construção na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) contou com o maior acréscimo de empregos com carteira assinada em 2024. Ao todo, foram 571 vagas geradas, após o registro de 4.183 admissões e 3.612 desligamentos, para um total de quase 97 mil vínculos ativos. “Este saldo foi quase 175% superior ao visto em julho e 28,6% maior que o percebido em agosto de 2023”, ressalta o economista Jaime Vasconcellos. Com um adendo, somente a capital paulista respondeu por 315 dessas novas vagas.

Evolução do saldo de empregos do varejo de material de construção RMSP e São Paulo (SP)



Fonte: Caged

Dentre os grupos de atividades acompanhados, os segmentos que lideraram a geração de empregos foram: comércio varejista de material de construção em geral (+143 vagas), comércio varejista de ferragens e ferramentas (+122 vagas) e o comércio de material elétrico (+106 vagas). Apenas os estabelecimentos de tintas e material para pintura registraram saldo negativo, com 10 desligamentos a mais que admissões em agosto.

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - agosto de 2024				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	83	49	34	1.019
Ferragens e Ferramentas	739	617	122	16.366
Madeira e Artefatos	316	257	59	7.069
Materiais de Construção em Geral	2.037	1.894	143	50.833
Materiais Hidráulicos	92	51	41	2.180
Pedras para Revestimento	95	67	28	1.865
Material Elétrico	396	290	106	8.131
Tintas e Materiais para Pintura	189	199	-10	4.559
Vidros	236	188	48	4.801
Total	4.183	3.612	571	96.823

Fonte: Novo Caged

Elaboração e cálculos: Sincomavi

Após esses bons números, o acumulado de 2024 alcançou 2.261 novos postos de trabalho, com 31.892 admissões e 29.631 desligamentos. Em todos os grupos houve avanço da empregabilidade, com destaque para material de construção em geral, que contou com um saldo de +720 vagas nos período analisado.

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - 2024*				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	455	410	45	1.019
Ferragens e Ferramentas	5.721	5.244	477	16.366
Madeira e Artefatos	2.208	1.919	289	7.069
Materiais de Construção em Geral	16.207	15.487	720	50.833
Materiais Hidráulicos	744	596	148	2.180
Pedras para Revestimento	674	569	105	1.865
Material Elétrico	2.662	2.353	309	8.131
Tintas e Materiais para Pintura	1.562	1.476	86	4.559
Vidros	1.659	1.577	82	4.801
Total	31.892	29.631	2.261	96.823

Fonte: Novo Caged

Elaboração e cálculos: Sincomavi

*Até agosto

“Os números de agosto mostraram uma boa aceleração do mercado de trabalho do varejo de material de construção na Grande São Paulo”, afirma Jaime. E destaca: “foi o melhor saldo mensal do ano e um resultado bastante superior aos avanços registrados nos três últimos meses”. Ele lembra ainda que, até mesmo em relação a agosto do ano passado, houve um aumento no ritmo de expansão dos postos com carteira assinada.

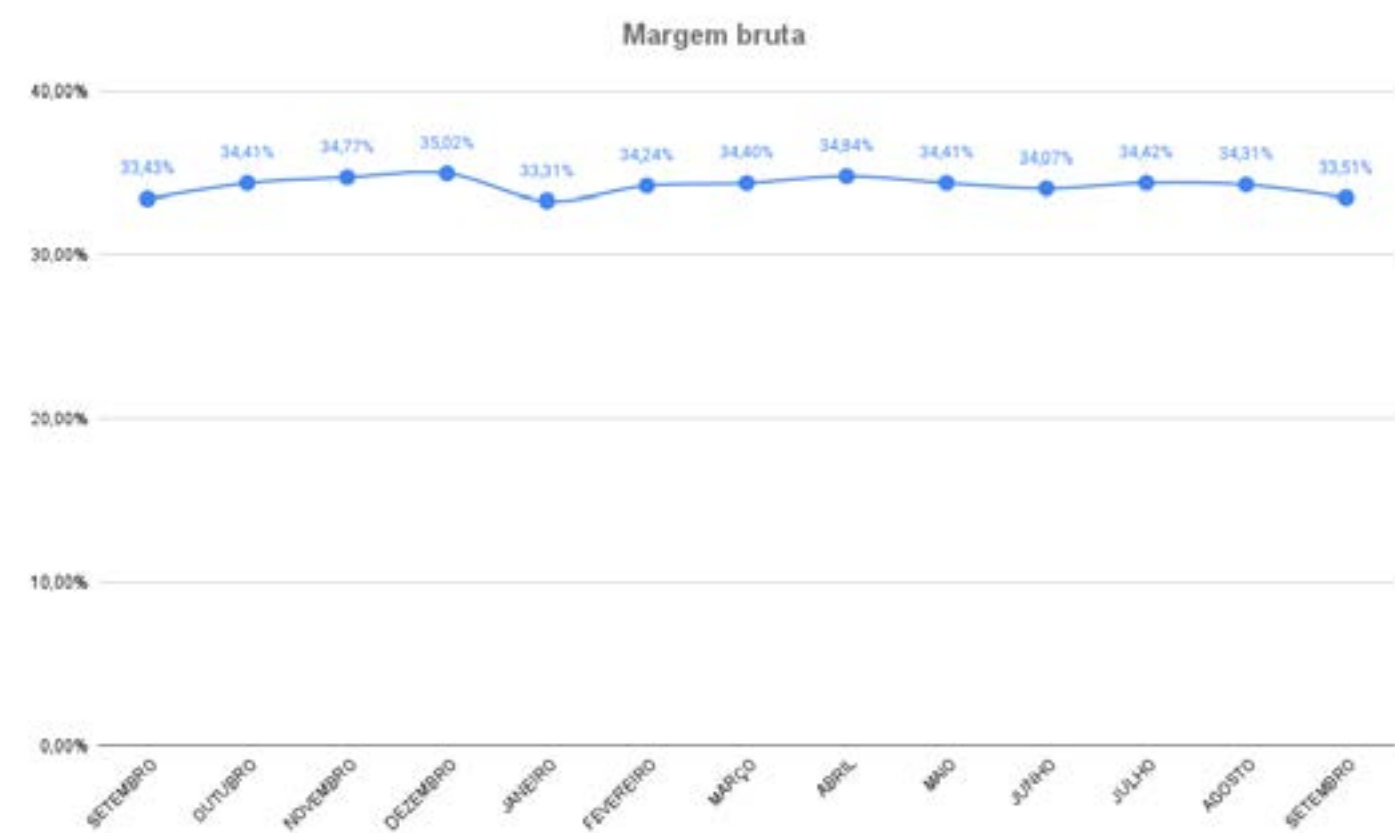
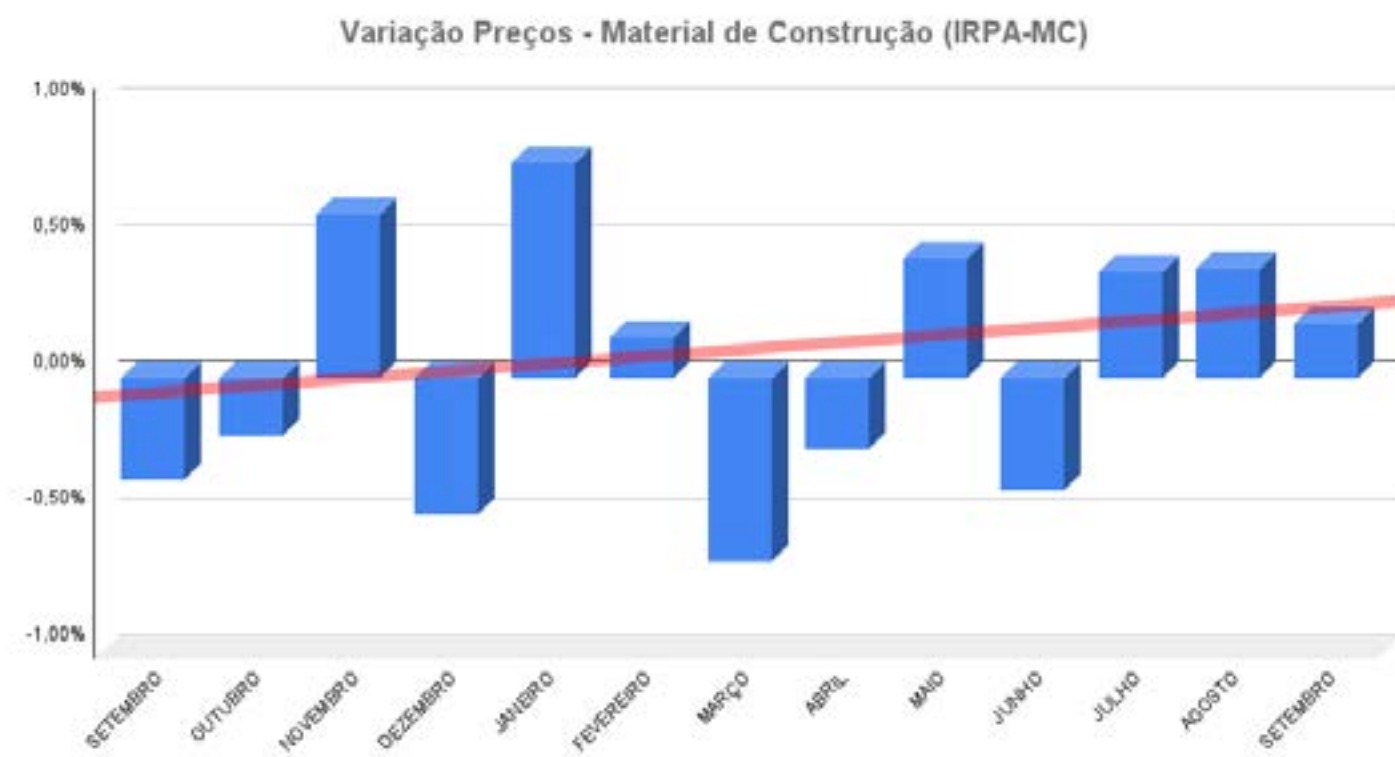
Em sua opinião, mais uma vez se observou uma “resposta” do mercado de trabalho a um período em que a demanda do setor se mantém aquecida. “Sendo este um segmento intensivo em mão de obra, o seu nível de empregabilidade acaba respondendo mais rapidamente aos movimentos do ritmo do consumo, que a despeito de câmbio elevado, inflação acima da meta e juros altos, continua resiliente no curto prazo”, comenta. Mesmo no caso dos próximos meses contarem com desempenho fraco, os resultados já alcançados praticamente garantem que 2024 tenha um desempenho superior ao obtido no ano passado.

INDICADORES SETORIAIS

O Índice Azure de Reajuste de Preços de Venda – Material de Construção (IRPA) contou em setembro com uma variação de 0,20% – resultado inferior ao alcançado no mês passado (0,40%). Apesar do arrefecimento, nos acumulados do ano e em 12 meses foram verificados aumentos de 1,03% e 0,92%, respectivamente. Vale lembrar que em setembro de 2023 ocorreu um recuo no indicador de -0,50%.

O destaque do mês entre os indicadores acompanhados pelo estudo realizado pelo Sincomavi, a partir de dados fornecidos pela Azure Sistemas em 432 lojas de pequeno e médio portes, foi o faturamento médio, que alcançou R\$806.844,00 em setembro – um aumento substancial em comparação ao mês anterior, que fechou com R\$734.631,00. Esse desempenho também se mostra o melhor desde agosto de 2022, com R\$816.938,00.

A margem bruta sofreu um recuo no período e atingiu 33,51%, o que representou o segundo pior resultado de 2024, perdendo somente para o obtido em janeiro (33,31%).



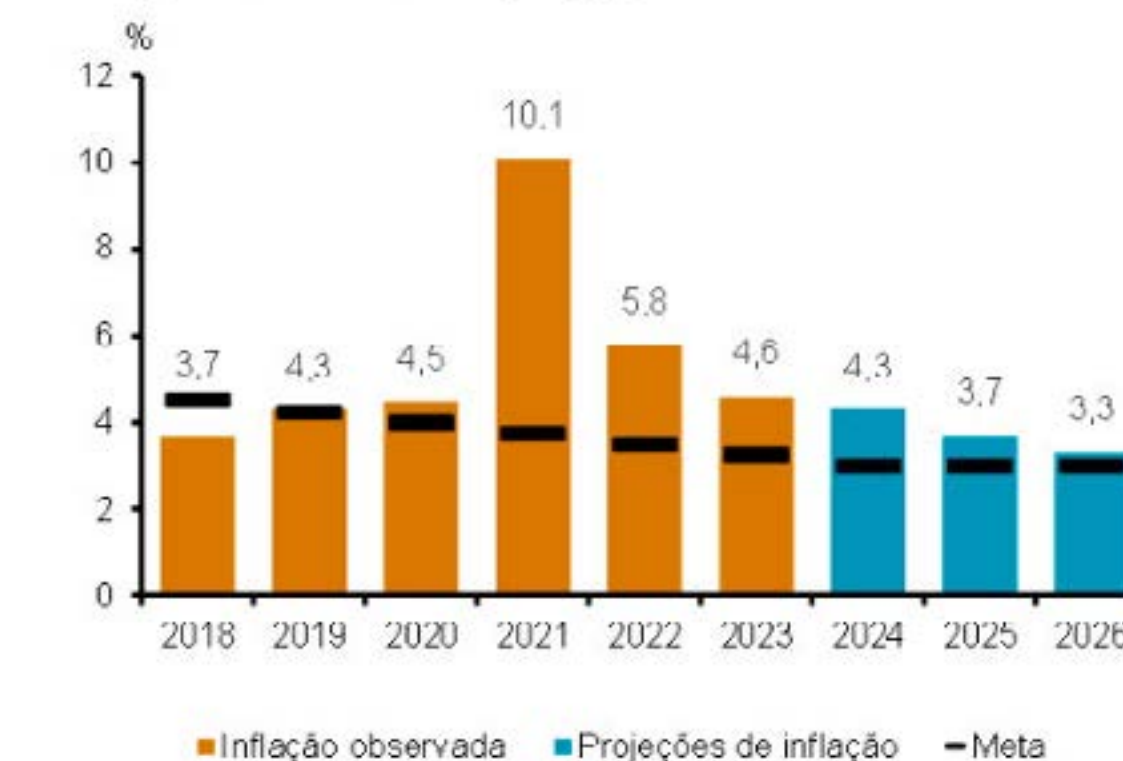
Fonte: Azure Sistemas

Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos” e “Eletroeletrônicos” sofreram as seguintes variações em setembro:

Ferragens	-0,18%
Material de Eletricidade	-0,05%
Vidro	-1,49%
Tintas	0,72%
Revestimento de piso e parede	1,37%
Madeira e taco	-1,31%
Cimento	-0,07%
Tijolo	1,39%
Material Hidráulico	-0,03%
Areia	2,22%
Pedras	0,31%
Telha	0,22%
Chuveiro elétrico	0,88%
Ar-condicionado	2,16%
Ventilador	-0,76%

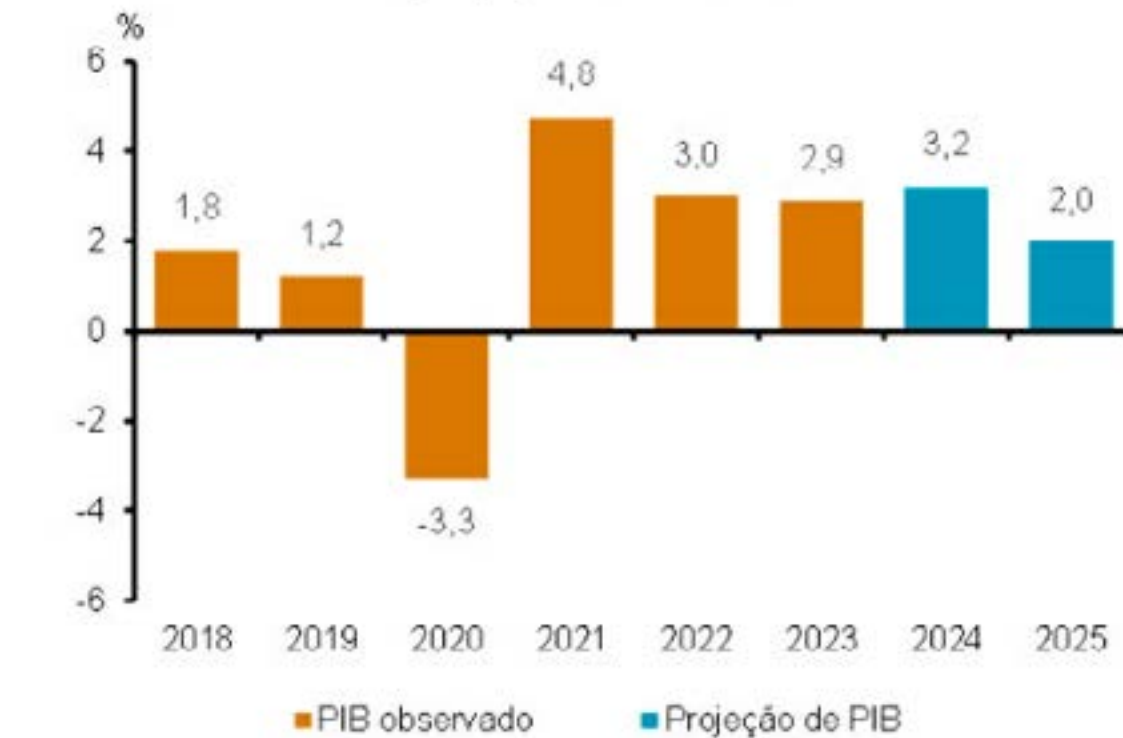
IPCA/IBGE

Inflação observada e projeções – IPCA



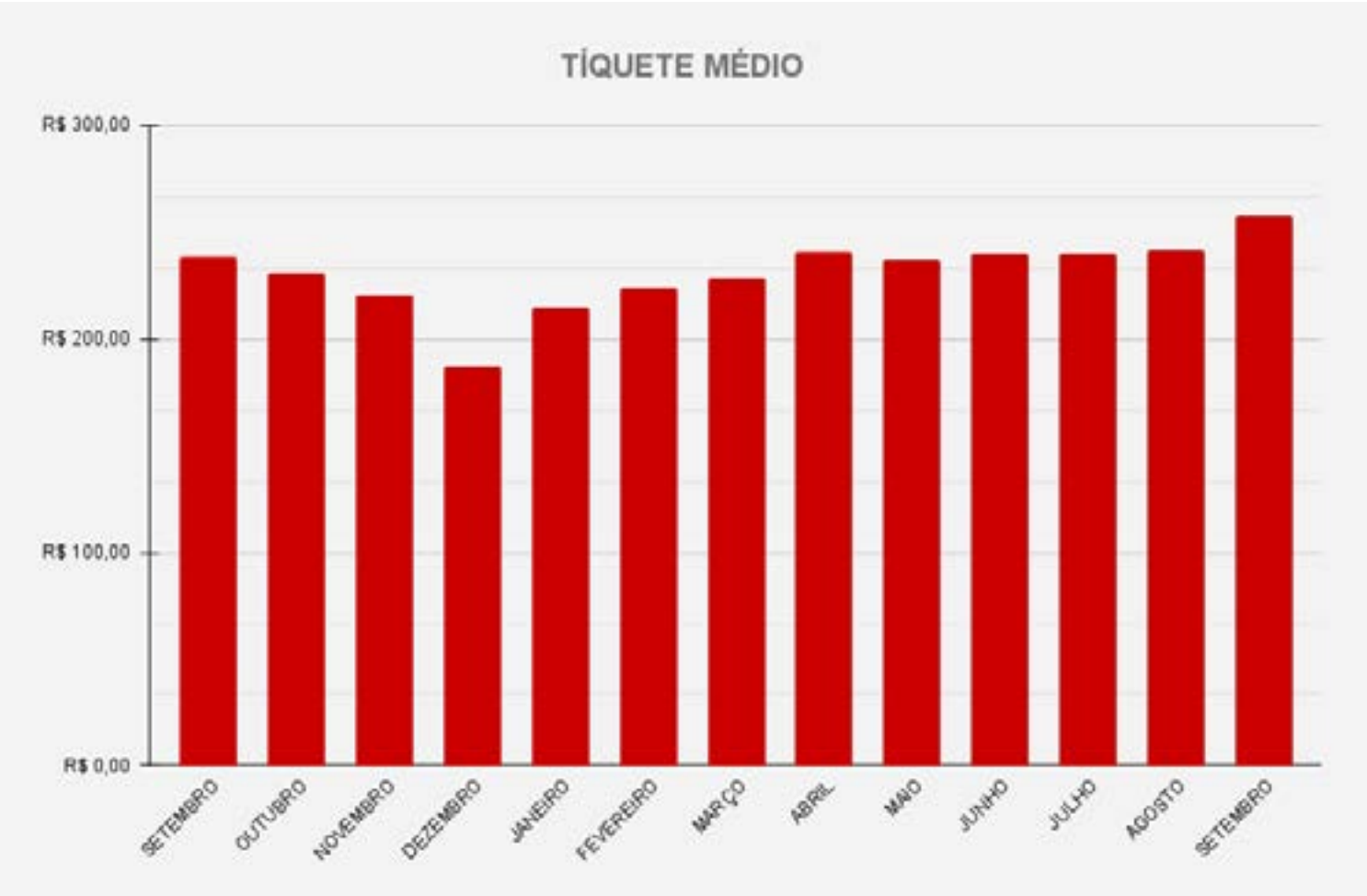
Fontes: IBGE e BC

PIB observado e projeção de crescimento do PIB



Fontes: IBGE e BC

Por fim, acompanhando a performance do faturamento setorial, o tíquete médio avançou para R\$257,42 em setembro. Para efeito de comparação, a última vez que o segmento alcançou tal patamar foi em março de 2022, com R\$257,90. A média alcançada no mês passado também supera as obtidas em 2022 (R\$245,89) e 2023 (234,32). No entanto, a média de R\$230,57 dos últimos doze meses permanece ainda abaixo desses valores anualizados.



Fonte: Azure Sistemas



SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS, TINTAS, LOUÇAS E VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR

.Sincomavi